

LOUVOR DO DIA

- RETÁBULO TEATRAL EM TRÊS QUADROS

por

abel neves

primeiro quadro



1

Representação da pintura ANGELUS de Jean-François MILLET. Uma camponesa e um camponês. Imobilidade e contemplação, terra e religiosidade. Respirar esses campos inclinados sobre o ar.

Distante mas a aproximar-se a ORATORIUM BWV - 248 de J.-S. BACH.

No palácio de Senhor-Rei. Ele está de pé junto a uma mesa com alguns produtos da terra. Senhor-Rei espera imperialmente alguém. Senta-se. Faz um gesto e abre-se uma porta. Entram quatro camponeses e uma camponesa que depositam frutos sobre um tapete real.

primeiro camponês - Eis os vossos frutos que o dia os fez nascer mais radiantes que ontem e nós os colhemos com suor imenso.

segundo camponês - As árvores e o solo tão difíceis de ganhar. Espantados estivemos todo o dia.

senhor-rei - Deixai, deixai... Ide e que o vosso repouso vos torne ainda mais belos sobre a terra.

segundo camponês - Isso que dizeis não nos transforma o cansaço.

terceiro camponês - Não nos mata o cansaço, senhor-rei.

senhor-rei - Ide, ide e abençoados assim sejam os vossos corpos cansados. Ide. Retirai-vos que a minha paz vos acompanhará.

primeiro camponês - Amanhã sera o trabalho mais duro.
Os campos são mais extensos...

quarto camponês - E águas correrão amanhã anunciando mau tempo, meu senhor.

senhor-rei - Que não haja aflição. As águas, se vierem, para o ventre da terra serão conduzidas. É que mais se passará ?

terceiro camponês - E os nossos instrumentos, meu senhor nosso rei, estão mais gastos que gastas estão as nossas mãos...

segundo camponês - As enxadas e as foices são objectos preciosos, ~~meu~~ senhor meu rei. Tudo fazemos para as conservarmos.

senhor-rei - Conservai-as então... Ide, afastai-vos que o meu cansaço a isso obriga. Quero mais colheitas dos frutos mais selvagens.

Os camponeses abandonam a casa real.

No campo. Os camponeses trabalham. Alguns deles olham misteriosamente o palácio.

primeira mulher camponesa - Sei o quanto esta terra tem de amargo. Cada animal que nela se deita e a ela conta os seus segredos. Nós nos habituamos a estas pedras rasgadas pelo céu.

primeiro camponês - Um dia a mais no calendário da fome.

segundo camponês - Sofremos a alucinação dos vossos desejos, meu senhor e rei. Destes olhos não há sonho possível que a vossa real figura tudo impede. Está nas nossas línguas o ardor destes prados, dessas vertentes lá longe sobre os riachos.

terceiro camponês - O nosso tempo é este, existindo à medida do nosso trabalho, do nosso coração nele envelhecendo. Alegres são os dias dos santos e todos os anjos.

primeira mulher camponesa - Os nossos filhos nascem e uma idade de choro vem-nos ao rosto. Somos o colo, o peito e a festa.

segunda mulher camponesa - Ah, que estas árvores pesam
a cada olhar !... A luz que daquele palácio nos chega...
Estas minhas mãos iluminadas cheias do prazer e da mor-
te neste campo. Tenho, sim, o meu riso (nasce-lhe pouco
a pouco um sorriso patético e depois o riso) e o meu si-
lêncio.

segundo camponês - Dá-me daí a cesta. Comemos ?

quarto camponês - Ainda não. Espera que o sol se levante
mais e sobre a tua cabeça o sintas mais poderoso.

segundo camponês - O sol... (sorri) O sol...

segunda mulher camponesa - Será depois o mês das semen-
teiras... A nevoa triste cobrindo tudo.

primeiro camponês - Um cesto de pedras era o que eu lhe
levaria.

Todos olham fixamente o palácio. Silêncio. Depois
regressam ao ritmo das enxadas.

segundo camponês - O sol nos aparta a chuva em cores. Ei-
lá sol !... Tanta dor nos vem !